

Diário da Serra

O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA

JORNAL DIÁRIO DA SERRA
Propriedade da **AJOTA**
ASSOCIAÇÃO JORNALÍSTICA DE TANGARÁ DA SERRA
CNPJ: 29.464.235/0001-16
ISSN 22386467

REDAÇÃO
DIREÇÃO DE JORNALISMO
Fabiola Tormes Homsí (DRT-MT 1302)

CONTATO
ds@diariodaserra.com.br

Envie Pautas, Fotos Sugestões e Vídeos
para o **whatsapp** do **DIÁRIO DA SERRA**
(65) 3326-4724 

www.diariodaserra.com.br
www.ds.jor.br



DEPARTAMENTO COMERCIAL
PUBLICIDADE ASSINATURA
PUBLICIDADE LEGAL
Associação Jornalística de Tangará da Serra - AJOTA
SERVIÇOS GRÁFICOS
E. Tormes e Cia. LTDA
CNPJ: 14.048.123/0001-07
CONTATO: adm@diariodaserra.com.br
Fone: (65) 3326-4724

ENDEREÇO: Av. Tancredo Neves - 1247 W - Parque
Mansões - 78302-028 Tangará da Serra-MT
Fundado em 11 de novembro de 1996
Edição online desde 06 de setembro de 1997

TIRAGEM:1 MIL EXEMPLARES
CIRCULAÇÃO: Tangará da Serra, Nova Olímpia, Barra do Bugres, Porto Estrela, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Denise, Arenápolis, Nortelândia e Santo Afonso.

CENTRAL DO ASSINANTE:   /jornalds
(65) 3326-4724 

CURTAS//

COLECIONISMO

Os apaixonados por miniaturas automotivas já têm compromisso marcado em Tangará da Serra. Neste domingo, 17, a partir das 8h, acontece o 1º Encontro de Miniaturas de Tangará da Serra, no Posto Prime, na Avenida Brasil. O evento será gratuito, aberto ao público e promete reunir colecionadores, admiradores e curiosos em torno do universo dos carros em miniatura.

EVENTO ABERTO

A iniciativa nasceu da própria comunidade local de colecionadores, que vem crescendo nos últimos anos e decidiu criar um espaço de integração, exposição e fortalecimento do hobby na cidade. “O objetivo é apresentar um pouco mais do colecionismo, especialmente das miniaturas”, explicou um dos organizadores, Rodrigo Faria Introvini.

MINIATURAS

Os encontros de miniaturas são conhecidos por reunir modelos diecast, que são miniaturas produzidas em metal fundido, além de peças raras, customizadas e edições especiais. O ambiente também favorece a troca de experiências entre colecionadores e incentiva novos participantes a conhecerem o hobby. A expectativa é grande para esta primeira edição.



ARTIGO//

Política performática e o populismo

Há algo profundamente preocupante acontecendo nas democracias contemporâneas: a política está deixando de ser espaço de reflexão, planejamento e construção racional do futuro coletivo para transformar-se em um mercado permanente de emoções instantâneas. Governar exige estudo, prudência e capacidade de lidar com problemas complexos. Viralizar exige apenas reação. Essa talvez seja a frase que melhor resume a tragédia política do nosso tempo. Nunca houve tantos políticos hiperativos nas redes sociais, comentando tragédias, reagindo a polêmicas e produzindo indignação em tempo integral. E, paradoxalmente, talvez nunca tenha sido tão raro encontrar figuras públicas capazes de apresentar projetos profundos, pensamento estratégico ou compreensão séria sobre o funcionamento do Estado. A lógica tornou-se simples: quem pensa demais comunica lentamente; quem reage impulsivamente viraliza rapidamente. O resultado é uma política dominada por personagens que não sobrevivem pela qualidade das ideias, mas pela capacidade de explorar emocionalmente o caos cotidiano. Se ocorre um crime bárbaro, surgem vídeos indignados. Se explode uma polêmica nacional, aparecem transmissões exaltadas. Se há tensão social, multiplicam-se discursos histéricos e raivosos. A tragédia humana converte-se em matéria-prima de visibilidade digital. O problema é estrutural. As redes sociais não foram feitas para premiar racionalidade, profundidade ou prudência institucional. Elas operam segundo a lógica da economia da

atenção, em que o conteúdo emocionalmente mais explosivo possui maior capacidade de circulação. O algoritmo não recompensa lucidez, recompensa reação. A consequência é a substituição da política racional pela política performática. O parlamentar deixa de ser formulador de soluções para tornar-se comentarista profissional de tragédias. O gestor público aproxima-se da lógica do influenciador digital. E a esfera pública converte-se em espetáculo emocional contínuo. O mais preocupante é que a própria mediocridade passou a funcionar como estratégia política. Antigamente, desconhecer economia, administração pública ou processo legislativo representava limitação grave para qualquer líder. Hoje, em muitos casos, a superficialidade tornou-se vantagem comunicacional. Quem estuda seriamente reconhece complexidades e ambiguidades. Quem ignora o assunto oferece respostas simples e emocionais e, respostas simples circulam melhor. A política digital favorece o grito contra o argumento, a impulsividade contra a reflexão e a indignação contra a competência. Muitos agentes públicos perceberam que não precisam construir projetos de nação. Basta manter relevância algorítmica permanente. Surge então uma nova modalidade de populismo: o populismo algorítmico. Nesse modelo, o objetivo não é formar consciência política duradoura, mas permanecer constantemente no centro do fluxo emocional das redes sociais. Por isso, tragédias como estupros, casos de pedofilia, feminicídios, crimes bárbaros, escândalos morais ou mesmo deslizes verbais de adversários convertem-se em combustível político altamente rentável. O sofrimento coletivo transforma-se em oportunidade de exposição; a indignação pública vira mecanismo de engajamento; e

a comoção social passa a funcionar como palco para performances emocionais cuidadosamente adaptadas à lógica algorítmica. E o eleitor também mudou. O cidadão contemporâneo já não consome política dentro de um ambiente racional de deliberação pública. Ele a recebe misturada com memes, entretenimento, vídeos curtos, escândalos e estímulos emocionais contínuos. A política passou a disputar atenção dentro do mesmo mercado psicológico ocupado pela indústria do entretenimento. Forma-se então um círculo vicioso: o eleitor consome indignação, o algoritmo amplia indignação, o político produz ainda mais indignação. A sociedade torna-se emocionalmente dependente do conflito permanente. Nesse ambiente, pensar profundamente tornou-se eleitoralmente desvantajoso. Estados modernos não podem ser governados por impulsos emocionais instantâneos. Governar exige planejamento, conhecimento técnico e compromisso com consequências futuras. O espetáculo digital, porém, não possui compromisso com o futuro. Seu compromisso é apenas com o próximo pico de engajamento. Talvez estejamos diante de uma das maiores crises da política moderna: a transformação da democracia em entretenimento emocional de massas. E talvez o maior perigo contemporâneo não seja apenas a existência de maus políticos, mas a consolidação de um sistema em que a capacidade de provocar indignação vale mais do que a capacidade de governar. Nesse momento, o risco deixa de ser apenas eleitoral. Passa a ser civilizacional.

João Edisom de Souza é analista político e professor universitário.

FOTO: DIVULGAÇÃO